

## O fenômeno da privatização da fé no contexto urbano, seus desafios e consequências para a celebração da liturgia

Kaio Henrique C. D. Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O pensamento e a cultura modernos contribuíram para diversos avanços no campo das ciências, das liberdades humanas e do progresso social. Entretanto, trouxe também consigo alguns limites como a instrumentalização da razão para fins de lucro e controle, o individualismo decorrente de uma ideia imprecisa sobre a relação autonomia-sujeito e a fragmentação da religião enquanto experiência transcendental. O homem moderno, fragmentado e individualista, já não consegue alinhar mais o *fides quae* e o *fides qua* sem alguma dificuldade, dificultando que ele também consiga realizar a passagem do “eu” que crê, para o “nós” da celebração litúrgica. Este trabalho objetiva refletir sobre este fenômeno contemporâneo e analisar seus impactos sobre a forma como a liturgia é celebrada pelos sujeitos que compõem comunidades cristãs católicas situadas em contexto urbanístico, cuja influência da cultura moderna é amplamente presente. Para tal, foi adotada uma abordagem de pesquisa do tipo bibliográfico-analítica. Conclui-se que é necessário retomar a consciência celebrativa dos fiéis.

**Palavras-chave:** Cidade. Modernidade. Cultura. Liturgia.

246

### 1 Introdução

O ambiente urbano atual não é somente um aglomerado de construções e pessoas, mas o símbolo de uma virada cultural antropológica. Nele o processo de desvinculação entre religião e sociedade é muito mais intenso do que em outros lugares, como em realidades mais rurais. Isso se deve ao fato de que a infraestrutura e a vida cotidiana nas cidades modernas, diferente das metrópoles do mundo antigo, são amplamente baseadas no modelo econômico do capitalismo material, cuja lógica de operação está amparada em ideias de venda de força de trabalho, produção, aquisição de bens e consumo.

Neste cenário, o impacto do sagrado sobre os indivíduos é muito menor, haja vista que a subsistência passou a ocupar o principal lugar na hierarquia de necessidades do homem da cidade. Um outro fator determinante na ambientação urbana é o impacto do pensamento moderno sobre a estruturação cognitiva das pessoas (valores éticos e morais, cosmovisões, crenças e sentido), fundamentado na interdependência entre a racionalidade e a individualidade, elementos que possibilitaram a superação de modelos tradicionais de contingenciamento e deram aos indivíduos uma espécie de possibilidade de autonomia e autodeterminação (Santana, 2009).

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia e Teologia (UNICAP), bacharel em Psicologia (UNIFG), especialista em Neuropsicologia, Psicologia Forense e Psicopedagogia (FAMESP) e mestrando do curso de Direito Canônico (ISDC). É presbítero da Arquidiocese de Olinda e Recife. Email: kaioacavalcanti.psi@outlook.com



O processo de superação das forças externas, sobretudo a religião, sobre o agir humano no mundo moderno, é chamado de secularização<sup>2</sup>. Ela foi fruto da dita virada antropológica do século XVIII, em que o eixo de especulação do pensamento crítico, deixou de gravitar em torno de questões como a natureza, a metafísica e as cosmologias e passou a ter como principal paradigma o homem e a cultura. A guinada antropológica não somente remodelou as organizações político-econômicas e estatais, como também reverberou na maneira como as pessoas passaram a estabelecer e simbolizar seus vínculos religiosos.

Nas grandes cidades sua influência sobre a vida social foi ainda maior, produzindo indivíduos subjetivamente fragmentados e religiosamente desvinculados, com grande dificuldade de superar o individualismo para reconstituírem-se como membros de uma assembleia litúrgica. Diante deste contexto, Romano Guardini, um dos principais pensadores do chamado Movimento Litúrgico, que repercutiu significativamente no Concílio Vaticano II, percebeu, ainda na metade do século XX, uma acentuada tendência de redução do fenômeno religioso a uma espécie de ansiolítico sócio-existencial e propôs como forma de superação da crise no *modus celebrandi*, a recuperação do sentido comunitário e sacramental da celebração litúrgica.

Este breve artigo não tem a intenção de esgotar o tema da subjetivação da fé e os seus impactos nas formas do culto divino da liturgia, mas através da interação de diferentes saberes, refletir sobre como a Igreja pode ajudar o homem urbano a celebrar melhor, ajudando-o a superar o individualismo e direcionando-o para que realize mais eficazmente a passagem do “eu” para o “nós” próprio da experiência litúrgica católica.

## 2 Secularismo, urbanismo e experiência religiosa

A transição entre os séculos XIX e XX, foram marcados em todo mundo por importantes acontecimentos, como a Segunda Revolução Industrial e a crescente urbanização, como resultados do pensamento moderno baseado na razão instrumental. Neste contexto o homem urbano já não deposita mais sua confiança nas narrativas mítico-simbólicas das religiões, mas no domínio das ciências e tecnologias. Assim, é possível afirmar que o processo de desencantamento da religião e da supremacia da razão, enquanto mediação para a compreensão dos fenômenos e da ordem da realidade, estão simbioticamente ligados ao urbanismo pelo viés da cultura econômica e sua influência sobre a vida social do homem da metrópole.

<sup>2</sup> O Conceito de secularização remonta ao que o Sociólogo Max Weber definiu como um processo de desencantamento (*Entzauberung*), de superação da narrativa mítico-religiosa sobre o sentido e ordem dos fenômenos no mundo (Weber, 1999).



Max Weber (1864 – 1920), que foi um notável sociólogo alemão, considerado por muitos o percussor da sociologia moderna, percebeu que o mundo, entre a virada dos séculos dezenove e vinte, estava passando por profundas transformações em variados níveis, dentre eles a economia, a política e a religião. Para ele, havia uma relação intrínseca entre quatro processos importantes, a saber: a secularização, a autonomia do sujeito, a economia e a urbanização. Por secularização, Weber compreendeu ser o fenômeno produzido pela filosofia moderna e o modelo econômico capitalista, em que o eixo de sentido da realidade deixou de ser amparado por explicações teocêntricas, baseadas em tradições religiosas, e passou a ser o resultado da observação e interpretação do próprio homem sobre a ordem do mundo.

O homem moderno é, em alguma medida, o sujeito cartesiano, isto é, cuja verdade é garantida por seu próprio ato de pensar e não por razões externas a ele, como a tradição de uma comunidade ou a crença em uma religião. Aqui está o primeiro efeito produzido pela secularização: a ênfase na autonomia do sujeito. As consequências deste padrão de pensamento, não apenas atingiu o nível do saber especulativo, mas se entendeu também ao modo de vida social, provocando um comportamento cada vez mais individualista nos indivíduos. Se cada ser humano pode autodeterminar-se, significa então que sua satisfação passa a ocupar também o primeiro lugar na hierarquia das necessidades, gerando notáveis prejuízos, tanto em nível de identidade pessoal, quanto nos seus vínculos coletivos.

A economia, de matriz capitalista, por sua vez, se apropriando deste processo, produziu toda uma cultura mercadológica baseada em processos de demanda e oferta, partindo dos pressupostos da relação entre desejo-satisfação e criando um novo tipo de vínculo, estabelecidos a partir de uma lógica mercantilista. A urbanização, por conseguinte, é um processo que nasceu na antiguidade e que, ao longo da história, ganhou novos contornos, de acordo com a organização das sociedades. A cidade no mundo antigo tinha como finalidade um maior acesso aos recursos de subsistência e à segurança. Já no período moderno, os centros urbanos estão atrelados aos processos de industrialização, em razão de neles se concentrarem tanto o capital, quanto as forças de trabalho necessárias para indústria fabril. Foi a partir da intensificação da produção industrial (demanda) que os centros urbanos cresceram em ritmo acelerado, sendo os seus espaços e cultura, modelados em vista do sistema econômico e de produção: ruas, avenidas, áreas de concentração de serviço e de gestão pública etc. O estilo de vida na cidade é, portanto, organizado em vista de lógicas que estruturam a própria existência urbana, sem as quais, não seria possível manter a estabilidade do sistema.



O cenário cultural, deste modo, não se trata de um mero elemento constituinte do urbanismo, mas, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, uma espécie de “dispositivo homeostático”, responsável por equilibrar as forças que lhe sustentam e de servir, hora como estimulante, hora como tranquilizantes sociais. A cultura no centro urbano se apara, sobretudo, na lógica do individualismo e do consumismo, conforme escreveu Bauman: A cultura é modelada para se ajustar à liberdade de escolha [...] do indivíduo, agora nomeado para a posição de gerente principal da “política da vida”, e seu único chefe executivo (Bauman, 2013, p.17).

Este homem, situado em contexto urbanístico, é constantemente atravessado pelas influências da secularização e seus efeitos comportamentais. Agora, autônomo em alguma medida, administra as suas necessidades, não mais baseado em contingências, como a religião, mas a partir do que lhe é apraz. Segue-se, pois, que, em algum momento, essa experiência de autodeterminação reverbera também no campo da experiência religiosa, gerando um enorme conflito entre o dado da crença subjetiva, segundo os critérios do próprio sujeito que crê, e a objetividade da narrativa mítico-religiosa. No caso do cristianismo católico, este choque se dá através da dificuldade do homem moderno urbano de realizar a conciliação entre o *fides qua* e o *fides quae*, entre o que ele intui subjetivamente e o que a Igreja anuncia objetivamente. A *Dei Verbum*, no capítulo I, demonstrou como esta passagem é realizada: em um primeiro momento, o homem, dotado de razão, vontade e liberdade, está naturalmente aberto a uma experiência transcendente, conforme pontua o teólogo Karl Rahner (1989, p. 33), “Chamamos de experiência transcendental a consciência subjetiva, atemática, necessária e insuprimível do sujeito que conhece [...] e o seu caráter ilimitado de abertura para a amplidão sem fim de toda realidade possível.

Segundo ele, esta experiência é, num primeiro momento, atemática, isto é, trata-se de um “saber anônimo”, uma intuição sem um objeto completamente definido, a que se chama de *fides qua*. Num segundo momento, o homem, aberto à experiência transcendente, de alguma forma, passa a ter contato com um objeto específico, no caso da fé católica, a revelação, conforme disposto na *Dei Verbum*, parágrafo 2:

Pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, «para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana.

O contato com a revelação de Deus, dá à razão os elementos temáticos para suprir as lacunas deixadas pela simples intuição. Diante do dado revelado, o homem, pelo entendimento, vontade e liberdade, acolhe ou rejeita o objeto da fé (*fides quae*):



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

A Deus que se revela, é devida a «obediência da fé» (Rm 16,26; Rm 1,5; 2 Cr 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo «a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade» e prestando voluntário assentimento à Sua revelação.

O ajustamento da fé objetivamente dada, através da aceitação livre da revelação, realiza no homem, não apenas a passagem de uma crença atemática para um crer temático, mas também o configura para celebrar a liturgia em comunidade. Porém, no contexto da cultura urbana, marcada pela influência do pensamento moderno de autonomia do sujeito, o homem metropolitano, ao determinar sua própria vida, sem interferência de fatores externos, em vista da satisfação de suas mais variadas necessidades, tem uma tendência a afastar-se de qualquer experiência que não corresponda em alguma medida aos seus interesses mais íntimos. Se por um lado, a narrativa criacional, disposta no Livro do Gênesis, trate da criação do homem a partir de Deus, a modernidade deu ao homem as ferramentas necessárias para criar um deus ao seu modo e à serviço de seus desejos e necessidades, dificultando a passagem do senso de fé subjetivo, para a profissão comunitária-objetiva.

O indivíduo urbano, que sofre muito mais os efeitos da modernidade, em função das cidades concentrarem uma maior pluralidade de pensamentos e de difusão de culturas, apresenta hoje uma enorme dificuldade de conciliar o crer subjetivo ao crer transpassado pela revelação e professado comunitariamente pela Igreja. Este fenômeno pode ser identificado como uma privatização da fé, isto é, a rejeição da dimensão objetiva e da expressão comunitária da fé católica. A liturgia, por sua vez, é o lugar por excelência em que a fé da Igreja é expressa e celebrada coletivamente. Segundo Romano Guardini (2018, p. 10), ela é “a manifestação definitiva do cânon objetivo da vida espiritual é a Liturgia da Igreja Católica”.

Isto significa dizer que, através dela, mediada pela revelação acolhida no coração de cada crente, a individualidade de cada um dá lugar a uma “unidade coletiva espiritual”. A verdade da oração litúrgica neste sentido, depende estritamente da revelação, pois ela é sempre, e em todo momento, amplidão da revelação mesma. Assim, o contexto urbano e moderno, têm influenciado, através do individualismo acentuado e da exacerbação da autonomia pessoal, os crentes católicos a buscarem, cada vez mais, formas de culto mais personalizadas e individualistas, em detrimento das formas tradicionais baseadas na experiência coletiva e na revelação como fonte da oração litúrgica.



## 3 Do “eu” para o “nós” da liturgia: desafio para a pastoral litúrgica em contexto urbanístico

Um dos maiores desafios para a Pastoral Litúrgica hoje, é conseguir ajudar o homem e a mulher dos centros urbanos a realizarem a passagem do “eu”, que crê a partir de um dado intuitivo e o celebra, para o “nós”, que é a coletividade resultante dos que aceitam a revelação e celebram-na através dos ritos e preces da liturgia. Segundo Guardini, “a liturgia não diz “eu”, mas “nós”, à exceção dos casos em que a individualidade é particularmente evidenciada, como no caso da celebração do sacramento da penitência. Por essa razão, os agentes de pastoral que lidam com o serviço da liturgia nos mais variados níveis eclesiais, precisam estar atentos quanto às adaptações e formas que reforçam o individualismo, o apelo sentimentalista subjetivo e o isolamento do sujeito.

Nos últimos anos, verifica-se nas comunidades de fé de centro urbano uma tendência de personalismo da liturgia, que se associa a uma relação de demanda-oferta. Neste sentido, o culto litúrgico tem assumido contornos muito mais voltados para promessas de satisfação de necessidades, que de sentido histórico-salúfico-existencial e de comprometimento ético com o Reino de Deus. Na lógica urbanística, marcadamente de fundo econômico, a mercadoria é a base material da vida social e a relação com ela é sempre de consumo-satisfação. Assim como a vida foi fragmentada na cultura moderna, a celebração dos mistérios divinos também foi, ao ponto de que as pessoas passaram a “consumir” de acordo com critérios de autodeterminação, o que elas consideram ou que foram convencidas ser importante. Segundo Debord, “a insatisfação se tornou uma mercadoria, [...] uma pseudonecessidade imposta”. Muitas comunidades de centro urbano assimilaram a narrativa de mercado e, hoje, num movimento de adaptação de formas, propõe às pessoas a ideia de que podem encontrar uma possível satisfação em determinadas performances litúrgicas.

Paulatinamente, o mistério da revelação em Cristo, do qual se nutre e para o qual converge o culto da Igreja, tem perdido espaço para adaptações que satisfaça os sujeitos isolados em suas demandas pessoais. O estilo litúrgico, que nada mais é que a exteriorização ou expressão da fé no mistério, passou a ser influenciado pela arbitrariedade baseada na relação demanda-oferta. A estilização exagerada promove uma quebra com a realidade e reforça a morte dos sinais sagrados e o que eles significam, reforçando ainda mais a perda de identidade da liturgia e o isolamento eclesial. O particularismo tem falseado a fisionomia de Cristo ao romper com o mistério de sua vida e centralizar seus esforços unicamente na satisfação individual dos membros que compõe a assembleia orante. Por isso, é importante que a Igreja reproponha a liturgia a partir de seu sentido natural: o próprio Deus revelado e não o homem em si.



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Neste sentido é possível afirmar que quando o culto divino torna o homem e suas necessidades como referência de sua organização e formas simbólicas, o “nós eclesial” é diluído na experiência de um “corpo”, cujos membros estão isolados entre si, sem comunhão e, por isso, já não podem ser considerados uma autêntica assembleia de Cristo.

A liturgia, naturalmente, diz “nós” e não “eu”. Esta afirmação de Guardini sugere que o sujeito de fé ao se reunir em comunidade para celebrar a liturgia, precisa conseguir realizar a passagem da autorreferência, para o acolhimento de um mistério que não pode ser instrumentalizado, mas respeitado e acatado como condição de possibilidade de poder celebrar autenticamente a liturgia cristã. A passagem do “eu” para o “nós” da liturgia só é possível a partir da abertura dos fiéis ao mistério cristão, o reforçamento da solidariedade na oração litúrgica e a gratuidade do sujeito ao apresentar-se em comunidade para celebrar. Por outro lado, a Pastoral Litúrgica precisa voltar a ter como referência primordial o próprio mistério e celebrá-lo em consonância com as angústias do homem e mulher urbanos, sem, porém, renunciar a sua originalidade, encarnando e traduzindo nas formas e expressões as realidades do seu tempo, mas sem perder de vista a condução do homem em direção ao inefável dom de Deus. Assim, é preciso recuperar também entre os agentes da pastoral litúrgica o sentido do culto divino e sua dimensão originalmente comunitária.

No mundo pós-moderno e em chave urbanística, não é coerente com os desafios reais a ideia de que as pessoas que compõem as comunidades de fé já estão, em alguma medida, devidamente evangelizadas. Sobre este assunto, o teólogo André Torres Queiruga (2003), destacou a necessidade de uma nova transmissão da fé em contexto pós-moderno, que não pode mais partir do pressuposto da cultura e da tradição religiosa católica brasileira como uma suficiente evangelização. No cenário atual, e sobretudo nas grandes cidades, o desafio maior é o de evangelizar, inclusive, os já iniciados da fé, pois sem a referência evangélica, dificilmente os crentes conseguirão superar o individualismo e alcançar algum nível de dom de si, tão necessário para dar a liturgia a autenticidade necessária que sua própria natureza pressupõe.

## 4 Considerações finais

A cultura urbanística, devido a sua forte influência da lógica de mercado, reforça comportamentos individualistas e de consumo em seus habitantes. Isto produz uma massa fragmentada de pessoas que selecionam o tempo inteiro aquilo que lhes pode trazer algum tipo de satisfação. Na experiência litúrgica das comunidades urbanas, isto tem produzido uma concepção de culto sagrado baseado no espetáculo, em formas exageradas e na personalização subjetiva, distanciando-as da vivência



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

comunitária da fé e do mistério cristão, baseado exclusivamente na revelação em Cristo. Isto exige da Pastoral Litúrgica dessas comunidades, uma revisão sobre os modelos simbólicos e linguagem cultural adotadas, para superarem o perigo do individualismo e, em última análise, da mercantilização da fé em vista das demandas individuais de seus membros.

O investimento na retomada da consciência celebrativa dos fiéis em geral é um ponto de partido importante, considerando que sem o contato com Mistério de Cristo e a adesão pessoal a ele como projeto de vida, o sentido de alguém poder reunir-se em assembleia para celebrar a vida do Senhor é dissolvido. Desde uma sólida e robusta formação dos novos líderes, sejam eles ministros ordenados ou leigos, até mesmo uma nova evangelização, são passos que devem ser levados em conta para que seja criada na Igreja uma cultura de multiplicação, isto é, para que a grande massa tenha contato com o Evangelho através do que, minimamente, já o receberam e acolheram.

Além de uma adequada catequese e urgente evangelização, é também relevante a devida vigilância dos sagrados pastores sobre as linguagens e adaptações das formas culturais, pois muitas delas são instrumentalizadas para abrigar lógicas mercantis reforçadoras de comportamentos isolacionistas entre os membros das comunidades. Retomar a evangelização nas grandes cidades, abrindo mão da confortável ideia de que a tradição religiosa transmite uma relevante evangelização, assim como promover a reflexão entre os líderes comunitários sobre modelos de adaptação litúrgica, bem como preparar agentes de pastoral mais alinhados à perspectiva comunitária da fé, são meios que podem favorecer as comunidades a realizarem melhor entre seus membros a passagem do “eu”, mergulhado em suas demandas e referenciais pessoais, para o “nós” que celebra, resultado do contato com o evangelho e a adesão livre à fé em Cristo.

Por fim, a Pastoral Litúrgica em chave de contexto urbano precisa ser pensada e preparada levando em conta as necessidades das pessoas, porém em vista de ajudá-las a superar o individualismo e a fragmentação pessoais. Isto só será possível quando as formas litúrgicas, suas linguagens e expressões, não forem mais instrumentalizadas em favor de uma cultura de mercado e do espetáculo religioso, tão presente nos cenários metropolitanos, haja vista ser a própria cidade o produto resultante de uma lógica naturalmente econômica.

## Referências

BARRO, Jorge Henrique. Desafios e oportunidades da secularização na evangelização urbana contemporânea. Campinas: **Revista Teológica** v. 76, p. 28-64. Maio, 2024. Disponível em: <https://sps.br/wpress/wp-content/uploads/2024/05/Revista-Teologica-76-VI-Artigos-28-64.pdf> . Acesso em: 09, jun. 2026.



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**: sobre a Revelação Divina, 1965. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html) . Acesso em 12, jun. 2026.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Publicado em e-book. eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>.

254

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização segundo Max Weber**: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar um velho sentido. Brasília: Ed. UnB, 2000.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: Introdução ao conceito de cristianismo. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

SANT'ANA, Ruth Bernardes de. Autonomia do Sujeito: As Contribuições Teóricas de G. H. Mead. Universidade Federal de São João del-Rei: **Revista de Psicologia**. Out-Dez 2009, Vol. 25 n. 4, pp. 467-477. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/tZW4j4kjCZY8jqJz4hz6vqG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10, jun. 2026:

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004;

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1999.

